

GEORGES SIMENON

A cabeça de um homem

Tradução

Eduardo Brandão



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 1931 by Georges Simenon Limited
GEORGES SIMENON ® Simenon.tm
MAIGRET ® Georges Simenon Limited
Todos os direitos reservados.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
La Tête d'un homme

Projeto gráfico
Bruno Romão e Alceu Chiesorin Nunes

Capa
Alceu Chiesorin Nunes

Preparação
Leny Cordeiro

Revisão
Jane Pessoa
Renata Lopes Del Nero

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Simenon, Georges, 1903-1989.

A cabeça de um homem / Georges Simenon ; tradução
Eduardo Brandão — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das
Letras, 2014.

Título original: *La Tête d'un homme*.
ISBN 978-85-359-2497-8

1. Ficção policial e de mistério (Literatura francesa) 2.
Romance francês I. Título.

14-09625

CDD-843.0872

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção policial e de mistério : Literatura francesa 843.0872

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

1. Cela 11, segurança máxima 7
2. O homem que está dormindo 20
3. O jornal rasgado 35
4. Q.G. 45
5. O apreciador de caviar 57
6. O albergue de Nandy 68
7. O garoto 77
8. Um homem na casa 89
9. Dia seguinte 102
10. Surpresa no armário 115
11. Pôquer de dados 126
12. A queda 143

1. Cella 11, segurança máxima

Quando um sino deu duas badaladas, em algum lugar, o prisioneiro estava sentado na cama e duas mãos, grandes e nodosas, apertavam seus joelhos dobrados.

No espaço de um minuto talvez, permaneceu imóvel, como que em suspenso, depois de repente, com um suspiro, estendeu os membros, ergueu-se na cela, enorme, desengonçado, a cabeça grande demais, os braços compridos, o peito cavo.

Seu rosto nada exprimia a não ser aparvalhamento ou uma indiferença inumana. E no entanto, antes de se dirigir para a porta com o postigo fechado, estendeu o punho em direção a uma das paredes.

Do outro lado dessa parede, havia uma cela igualzinha, uma cela da ala de segurança máxima da prisão da Santé.

Nela, como em outras quatro celas, um condenado à morte aguardava ou a clemência ou o grupo solene que viria uma noite acordá-lo sem dizer palavra.

E nos últimos cinco dias, a cada hora, a cada minuto, esse prisioneiro gemia, ora de um modo abafado, monótono, ora com gritos, lágrimas, urros de revolta.

O 11 nunca o havia visto, nada sabia dele. No máximo, pela voz, podia adivinhar que seu vizinho era um rapazola.

Nesse momento, a queixa era cansada, mecânica, enquanto pelos olhos daquele que acabava de se levantar passava uma centelha de ódio, e ele cerrava os punhos de articulações proeminentes.

Do corredor, dos pátios cobertos, das áreas ao ar livre, de toda essa fortaleza que é a Santé, das ruas que a rodeiam, de Paris, não chegava nenhum ruído.

Só o gemido do 10!

E o 11, com um movimento espasmódico, puxava os dedos, estremecia duas vezes antes de tatear a porta.

A cela estava iluminada, é de regra na ala de segurança máxima. Normalmente, um guarda devia ficar no corredor, abrir de hora em hora os postigos dos cinco condenados à morte.

As mãos do 11 acariciam a fechadura com um gesto que um paroxismo de angústia tornava solene.

A porta se abriu. A cadeira do carcereiro estava lá, sem ninguém.

Então o homem se pôs a andar depressa, encurvado, tomado pela vertigem. Seu rosto era de um branco sem brilho e somente as pálpebras de seus olhos esverdeados estavam tingidas de vermelho.

Deu três vezes meia-volta, porque tinha errado o caminho e se chocava com as portas fechadas.

No fundo de um corredor, ouviu vozes: dois vigias fumavam e falavam alto na sala da guarda.

Enfim, chegou a um pátio onde a escuridão era rompida a intervalos pelo círculo luminoso de uma lâmpada. A cem metros dele, em frente ao portão, uma sentinela batia os pés no chão para aquecê-los.

Mais adiante, uma janela estava iluminada e se distinguia

um homem, cachimbo na boca, debruçado sobre uma mesa coberta de papéis.

O 11 gostaria de ter relido o bilhete que havia encontrado três dias antes colado no fundo da sua marmita, mas ele o havia mastigado e engolido, como o remetente lhe recomendara fazer. E, se uma hora antes ainda sabia de cor seus termos, agora havia passagens que era incapaz de lembrar com precisão.

No dia 15 de outubro às duas da manhã, a porta da sua cela vai se abrir e o carcereiro estará ocupado em outro lugar. Se você seguir o caminho traçado aqui embaixo...

O homem passou pela testa a mão ardente, olhou com terror para os círculos de luz, quase gritou ao ouvir passos. Mas era do outro lado do muro, na rua. Pessoas livres falavam, o calçamento ressoava sob os saltos de seus sapatos.

– Quando penso que eles se atrevem a cobrar cinquenta francos por uma poltrona...

Era uma mulher.

– Bah! Eles têm custos – replicou uma voz de homem.

E o prisioneiro tateava o muro, parava ao topar com uma pedra, aguçava os ouvidos, tão pálido, tão esquisito com seus braços intermináveis batendo no vazio, que em qualquer outro lugar o teriam tomado por um bêbado.

O grupo estava a menos de cinquenta metros do prisioneiro invisível, numa reentrância perto de uma porta em que estava escrito ADMINISTRAÇÃO.

O comissário Maigret não se dignava a encostar na parede de tijolos escuros. As mãos nos bolsos do sobretudo, estava bem plantado em suas pernas fortes, tão rigorosamente imóvel que dava a impressão de uma massa inanimada. Mas ouvia-se a intervalos regulares o crepitar do seu cachimbo. Adivinhava-se seu olhar, do qual não conseguia apagar a ansiedade.

Deve ter tocado dez vezes no ombro do juiz de instrução Coméliau, que não parava quieto.

O magistrado havia chegado à uma da manhã de uma noite mundana, em traje de gala, seu bigode fino aparado com capricho, mais corado que de costume.

Perto deles, cara preocupada, a gola do casaco levantada, postava-se o sr. Gassier, diretor da Santé, que se fingia desinteressado pelo que acontecia.

Fazia muito frio. O guarda, junto ao portão, batia os pés no chão e as respirações lançavam no ar finas colunas de vapor.

Não se podia distinguir o prisioneiro, que evitava os lugares iluminados. No entanto, por mais que ele tomasse o cuidado de não fazer barulho, ouviam-no ir e vir, acompanhavam de certo modo seus menores movimentos.

Passados dez minutos, o juiz se aproximou de Maigret, abriu a boca para falar. Mas o comissário apertou o ombro dele com tanta força que o magistrado se calou, suspirou, tirou maquinalmente do bolso um cigarro que lhe foi arrancado das mãos.

Todos tinham compreendido. O 11 não encontrava seu caminho, corria o risco de topar com uma ronda a qualquer momento.

E não havia o que fazer! Não se podia levá-lo para o lugar onde, ao pé do muro, o esperava um pacote de roupas e estava pendurada uma corda com nós.

Às vezes um carro passava pela rua. Às vezes, também, pessoas falavam e as vozes ecoavam de uma maneira toda especial no pátio da prisão.

Tudo o que os três homens podiam fazer era trocar olhares. Os do diretor eram raivosos, irônicos, ferozes. O juiz Coméliau, por sua vez, sentia crescer sua inquietação, ao mesmo tempo que seu nervosismo.

Maigret era o único, à custa de muita força de vontade, a aguentar firme, a ter confiança. Mas, se a luz incidisse direto

sobre ele, teriam constatado que sua testa estava reluzente de suor.

Quando soou o toque de meia hora, o homem continuava flutuando, à deriva. Mas, um segundo depois, os três homens à espreita sentiram o mesmo choque.

Não tinham ouvido nenhum suspiro. Tinham-no adivinhado. E adivinhavam, sentiam a pressa febril do homem que acabava enfim de topar com o pacote de roupas e de perceber a corda.

Os passos da sentinela continuavam cadenciando o escoar do tempo. O juiz arriscou em voz baixa:

— Tem certeza de que...

Maigret o encarou de tal modo que ele se calou. E a corda se mexeu. Distinguiram uma mancha mais clara ao longo do muro: o rosto do 11, que se içava com a força de seus punhos.

Foi demorado! Dez vezes, vinte vezes mais demorado do que se previra. E quando chegou ao alto, era possível imaginar que ele entregava os pontos, porque não se mexia mais.

Viam-no agora, como no teatro de sombras, colado no topo do muro.

Será que sentia vertigem? Será que hesitava em chegar à rua? Será que passantes ou namorados encolhidos num canto o impediam de descer?

O juiz Comélieu estalou os dedos de impaciência. O diretor sussurrou:

— Acho que não precisam mais de mim...

A corda foi enfim içada e desenrolada do lado de fora. O homem sumiu.

— Se eu não tivesse tanta confiança no senhor, comissário, garanto que nunca teria embarcado numa aventura dessas. E olhe que continuo achando Heurtin culpado. Suponha agora que ele escape do senhor.

– Posso ver o senhor amanhã? – Maigret se limitou a perguntar.

– Estarei em meu gabinete a partir das dez.

Apertaram as mãos em silêncio. O diretor estendeu a sua de má vontade e se afastou resmungando palavras indistinguíveis.

Maigret ficou mais uns instantes junto da parede, só se dirigiu para o portão quando ouviu alguém se afastar em disparada. Cumprimentou o funcionário com um gesto de mão, lançou um olhar para a rua deserta, virou a esquina da Rue Jean-Dolent.

– Já foi? – indagou, dirigindo-se a uma silhueta colada no muro.

– Em direção ao Boulevard Arago. Dufour e Janvier o seguem...

– Vá dormir.

Maigret apertou distraidamente a mão do inspetor, afastou-se a passos pesados, cabeça baixa, acendendo seu cachimbo.

Eram quatro da manhã quando abriu a porta da sua sala no Quai des Orfèvres. Tirou suspirando o sobretudo, engoliu metade de um copo de cerveja morna largado entre os papéis e desabou na sua poltrona.

À sua frente, havia uma pasta de plástico repleta de documentos, na qual um escrivão da Polícia Judiciária havia traçado com uma letra bonita:

Caso Heurtin

A espera durou três horas. A lâmpada, sem quebra-luz, estava envolta numa nuvem de fumaça que se estendia ao menor movimento do ar. De vez em quando Maigret se levantava a fim de atizar o fogo da estufa e voltava ao seu lugar, não sem tirar sucessivamente o casaco, o colarinho postigo e, por fim, o colete.

O telefone estava ao alcance da sua mão e por volta das seis

tirou o fone do gancho para certificar-se de que não tinham esquecido de ligar o aparelho na véspera.

A pasta amarela estava aberta. Relatórios, recortes de jornal, autos, fotos haviam deslizado para cima da sua mesa, e Maigret olhava distraído para tudo aquilo, puxando vez ou outra um documento, menos para lê-lo do que para fixar seu pensamento.

O papelório era dominado por um título eloquente, em duas colunas de jornal:

JOSEPH HEURTIN, ASSASSINO DA SRA. HENDERSON E DE SUA CRIADA, FOI CONDENADO À MORTE ESTA MANHÃ.

E Maigret fumava sem parar, olhava com ansiedade para o telefone obstinadamente mudo. Às seis e dez tocou, mas era engano.

De sua poltrona, o comissário podia ler passagens de diferentes documentos, que aliás sabia de cor.

JOSEPH-MARIE HEURTIN, NASCIDO EM MELUN, VINTE E SETE ANOS, ENTREGADOR A SERVIÇO DO SR. GÉRARDIER, FLORISTA, RUE DE SÈVRES...

Via-se a foto dele, tirada um ano antes num lambe-lambe em Neuilly. Um homem alto, de braços desproporcionalmente grandes, cara triangular, pálido, cujas roupas traíam uma vaidade de mau gosto.

DRAMA SELVAGEM EM SAINT-CLOUD.
UMA RICA AMERICANA E SUA CRIADA SÃO ESFAQUEADAS.

Isso havia acontecido no mês de julho.

Maigret afastou as sinistras fotografias do Serviço de Identificação da polícia: os dois cadáveres, vistos de todos os ângulos,

sangue por toda parte, faces convulsionadas, roupas de dormir em desordem, manchadas, rasgadas.

O COMISSÁRIO MAIGRET, DA POLÍCIA JUDICIÁRIA, ACABA DE ELUCIDAR O DRAMA DE SAINT-CLOUD. O ASSASSINO ESTÁ NA CADEIA.

Havia embaralhado as folhas que estavam diante dele, voltou a encontrar o recorte que datava de seis dias antes:

JOSEPH HEURTIN, ASSASSINO DA SRA. HENDERSON E DE SUA CRIADA, FOI CONDENADO À MORTE ESTA MANHÃ.

No pátio da Chefatura de Polícia, um camburão entregava a colheita da noite, composta principalmente de mulheres. Começava-se a ouvir ruídos de passos nos corredores e a bruma se dissipava sobre o Sena.

O telefone tocou.

— Alô! Dufour?

— Eu, chefe.

— E então...?

— Nada. Quer dizer... Se o senhor quiser vou até aí. Por enquanto, basta Janvier.

— Onde ele está?

— No La Citanguette.

— Hein? No quê?

— Um boteco, perto de Issy-les-Moulineaux. Vou pegar um táxi e ir contar as novidades ao senhor.

Maigret andava de um lado para outro da sala, mandou o contínuo pedir café e croissants na Brasserie Dauphine.

Começava a comer quando o inspetor Dufour, miudinho,

todo certinho em seu terno cinzento, com um colarinho postiço alto e duro demais, entrou com seu costumeiro ar de mistério.

— Antes de mais nada, o que é La Citanguette? — resmungou Maigret. — Sente-se!

— Um boteco de marinheiros, à beira do Sena, entre Grenelle e Issy-les-Moulineaux...!

— Ele foi direto pra lá?

— Que nada! É um milagre não termos sido despistados. Janvier e eu...

— Tomou seu café da manhã?

— Tomei, no La Citanguette!

— Conte tudo.

— O senhor o viu fugir, não é? Ele começou correndo, como se morresse de medo de ser capturado. Só ficou tranquilo na Place Denfert-Rochereau, onde olhou com uma cara espantada para a estátua do Leão de Belfort.

— Sabia que estava sendo seguido?

— Claro que não! Não se virou nenhuma vez.

— E depois?

— Acho que um cego ou alguém que nunca tivesse andado por Paris teria se comportado mais ou menos da mesma maneira. Ele pegou de repente a rua que atravessa o cemitério de Montparnasse, esqueci o nome... Não havia vivalma. Era lúgubre. Na certa ele não sabia onde estava, porque quando avistou os túmulos através das grades, saiu correndo de novo.

— Continue.

Maigret, de boca cheia, parecia mais sereno.

— Chegamos a Montparnasse. Os grandes cafés estavam fechados. Mas ainda havia boates abertas. Eu lembro que ele parou na frente de uma. De fora, dava para ouvir o jazz. Uma floristazinha se aproximou dele com seu cesto de flores e ele saiu andando...

— Em que direção?

— Nenhuma, para dizer a verdade. Pegou o Boulevard Raspail, virou numa transversal, deu meia-volta e acabou retornando à estação de Montparnasse.

— Que cara ele tinha?

— Não tinha! A mesma que na audiência, que no tribunal do júri... Pálido à beça. E um olhar vago, amedrontado. Não sei dizer. Meia hora depois estávamos no Mercado.

— E ninguém lhe dirigiu a palavra?

— Ninguém!

— Ele não pôs nenhum bilhete numa caixa de correio?

— Garanto que não, chefe! Janvier ia numa calçada, eu na outra. Não perdemos um só dos seus movimentos. Olhe, uma vez ele parou um segundo numa barraca que vende salsicha e batata frita. Hesitou. Seguiu em frente, porque havia avistado um policial uniformizado.

— Não te pareceu que ele procurava algum endereço?

— De jeito nenhum! Parecia muito mais um bêbado que vai aonde Deus o leva. Chegamos ao Sena na altura da Place de la Concorde. Então ele cismou de seguir o rio. Sentou duas ou três vezes.

— Onde?

— Uma vez num parapeito de pedra. Outra, num banco. Não posso jurar, mas acho que dessa vez chorou. Em todo caso, estava com as mãos na cara.

— Ninguém no banco?

— Ninguém. Andamos mais um bocado. Imagine só, até Issy-les-Moulineaux! De quando em quando parava para olhar o rio. Os rebocadores começaram a circular. Depois os operários das fábricas invadiram as ruas. Ele continuava, como alguém que não tem a menor ideia do que vai fazer.

— Mais nada?

— Praticamente... Espere. Na Pont Mirabeau enfiou as mãos nos bolsos num movimento maquinal e tirou um objeto.

— Notas de dez francos.

— Foi o que Janvier e eu achamos... Então procurou alguma coisa ao redor. Na certa um botequim. Mas na margem direita não havia nada aberto. Atravessou o rio. Num barzinho cheio de motoristas, tomou um café e uma dose de rum.

— La Citanguette?

— Ainda não. Janvier e eu estávamos com as pernas bambas. E não podíamos tomar nada para nos esquentar. Ele saiu e continuou. Janvier, que anotou o nome de todas as ruas, fará um relatório detalhado para o senhor. Acabamos voltando para a beira do rio, perto de uma grande fábrica. Por ali é deserto.

“Só mato, como no campo, entre dois montes de cacarecos. Perto de um guindaste há várias barcas atracadas. Umas vinte, eu acho.

“Quanto ao La Citanguette, é um albergue que a gente não espera encontrar naquele lugar. Um boteco onde se pode comer. À direita tem um galpão com uma pianola, e um cartaz anuncia: BAILE SÁBADO E DOMINGO.

“O homem tomou café e rum de novo. Serviram-lhe salsichas, depois de ter feito ele esperar um tempão. Falou com o albergueiro e passados quinze minutos os dois subiram para o primeiro andar.

“Quando o albergueiro voltou, eu entrei. Perguntei à queima-roupa se alugava quartos.

“Ele me perguntou:

“— Por quê? *Ele* é fichado?

“O sujeito deve estar acostumado a lidar com a polícia. Não valia a pena tentar tapeá-lo. Preferi meter medo nele. Falei que, se ele dissesse uma palavra que fosse ao seu cliente, fecharíamos o estabelecimento.

“Ele não o conhece, tenho certeza! A especialidade da casa são os marinheiros e, por volta do meio-dia, os operários da fábrica vizinha, que vêm tomar o aperitivo.

“Parece que, quando entrou no quarto, Heurtin se jogou na cama sem sequer tirar os sapatos. O albergueiro lhe fez essa observação, ele atirou os sapatos no chão e adormeceu imediatamente.”

– Janvier ficou por lá? – indagou Maigret.

– Ficou. Podemos telefonar para ele, o La Citanguette tem telefone por causa dos marinheiros, que muitas vezes precisam entrar em contato com os armadores.

O comissário pegou o fone. Alguns instantes depois, Janvier atendia.

– Alô! E o nosso homem?

– Dormindo.

– Alguém suspeito?

– Nada! Calma total. Da escada a gente ouve ele roncar.

Maigret desligou, examinou a pessoa miúda de Dufour da cabeça aos pés.

– Não vá deixá-lo escapar, hein?

O inspetor ia protestar. Mas o comissário pôs a mão no ombro do policial e prosseguiu numa voz mais grave:

– Escute, meu velho. Sei que você fará o possível. Mas é meu cargo que está em jogo. E muitas outras coisas mais. Fora isso não posso eu mesmo ir, porque o animal me conhece.

– Garanto, comissário, que...

– Não garanta nada! Vá!

E Maigret, com um gesto seco, enfiou diversos documentos na pasta de plástico e guardou-a na gaveta.

– Se precisar de mais homens, não hesite em pedir.

A foto de Joseph Heurtin havia ficado em cima da mesa, e Maigret observou um instante a cara ossuda do homem, as orelhas de abano, os lábios compridos sem cor. Três médicos-legistas o tinham examinado. Dois haviam declarado:

Inteligência medíocre. Responsabilidade plena.

O terceiro, convocado pela defesa, havia ousado timidamente:

Atavismo confuso. Responsabilidade atenuada.

E Maigret, que havia detido Joseph Heurtin, afirmara ao chefe de polícia, ao promotor e ao juiz de instrução:

— *Ou ele é louco, ou é inocente!*

E considerou uma questão de honra prová-lo.

No corredor, ouviam-se os passos do inspetor Dufour, que se afastava saltitante.